

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

248

INSCRIÇÕES 846-848



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2023

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE EPITÁFIO PALEOCRISTÃO,
NOSSA SENHORA DO FREIXO (REDONDO)

Placa de mármore branco, reaproveitada, semelhante a outras que encontrámos utilizadas no pavimento de um edifício provavelmente correspondente a uma basílica paleocristã. Foi recolhida no sítio de Nossa Senhora do Freixo, freguesia e concelho de Redondo (distrito de Évora), a cobrir parcialmente uma sepultura.

Encontrava-se partida *in situ* em três pedaços que facilmente se juntaram; a placa teria sido, na sua origem, rectangular e destinada a outro uso, eventualmente de revestimento. De facto, está praticamente completa, atendendo a que a aresta inferior, ainda que esborcinada, é a original e, na aresta superior, há, em grande parte, o rebordo destinado a melhor fixação. Também da aresta esquerda se mantém a metade inferior; só a da direita não está rectilínea. No verso, de acabamento ligeiramente mais tosco, é notória a linha de fractura gerada pelo corte de placas similares a partir de um bloco de maiores dimensões.

Dimensões: $(39,2) \times 80,5 \times 3$ cm. Crismon: $16,7 \times 16$; $\omega = 6/5,2$; $\gamma = 10,5 \times 8,7$.

MEMORIA PATRICI(*i*) / AN(*ni*) I (*unius*) (omega crismon gama)

Memória de Patrício, de um ano.

Dimensões das letras:

l. 1: M = 5,2 x 4,2; E = 2 x 6,5; M = 6 x 6; O = 5,2 x 4,5; R = 6,7 x 3,6; I = 5,5 x 0,2; A = 6,7 x 3,5; P = 7,1 x 2,8; A = 7,2 x 4,7; T = 8,2 x 5,7; R = 8,3 x 4,7; I = 8,7 x 0,2; C = 7,7 x 3,3; I = 10,5 x 0,2.

l. 2: A = 8,5 x 7; N = 8 x 8; I = 9 x 0,2.

A paginação obedeceu sensivelmente a um eixo de simetria. Os caracteres são actuários, irregulares, denunciando uma minuta previamente desenhada no mármore à mão levantada, parecendo ter havido a intenção de dar relevo ao nome do menino, dado o módulo das letras ser maior.

De notar o ómega do lado esquerdo do crísmom e invertido, quando o normal é vir do lado direito, na sequência da ideia assim estilizadamente expressa: «Cristo é o alfa e o ómega», o princípio e o fim de tudo. À direita, porém, em vez do alfa (α), está um gama (γ), por imperícia ou ignorância. A colocação do crísmom no final do epitáfio não é invulgar, ainda que o mais corrente o seja no princípio¹.

No citado catálogo das inscrições paleocristãs encontradas no território português, o nome *Patricius*, mas escrito em grego, só aparece uma vez, numa epígrafe de Mértola (*ibidem*, nº 37); a palavra *memoria* não está atestada.

Na documentação epigráfica romana, *Patricius* não é, porém, um nome estranho, quer no masculino quer no feminino. Encontramo-lo, por exemplo, na necrópole da Quinta de Marim (Quelfes, Olhão)². Abundam, no conjunto da epigrafia romana, os *Patricii* associados a olarias e, ao compulsar a base de dados EDCS³, encontramos os seguintes paralelos, no quadro da epigrafia paleocristã:

– N° 47800735: em Salona, na Dalmácia, lê-se num epitáfio

¹ DIAS (Maria Manuela Alves) e GASPAR (Catarina Isabel Sousa), *Catálogo das Inscrições Paleocristãs do Território Português*, Centro de Estudos Clássicos, Lisboa, 2006, p. 299.

² IRCP 49 e 50.

³ EDCS = *Epigraphik Daten-bank Claus / Slaby*: <http://www.manfredclaus.de/gb/>

cristão do século IV: *sit tibi notum recordationi (?) qui Patricius hic iacet [...]*, «que fiques a saber que jaz Patrício aqui [...]»;

– N° 08501867: em Viena, sita na província romana da Gallia Narbonensis, recorda-se: «neste túmulo descansa» *bon(a)e / [me]moriae Patri/[ci]us*, «Patrício, de boa memória»;

– N° 11800843: Em Antibes, também da *Gallia Narbonensis*, um epitáfio começa assim: *B(onae) m(emoriae) / hic requiescit / in pace Patricius*, «de boa memória, aqui Patrício descansa em paz».

Atente-se que, no caso em análise, a palavra *memoria* parece adquirir mais um sentido concreto, de memorial, mais do que de ‘recordação’ por parte dos seus entes queridos. A recordação vem geralmente acompanhada do qualificativo *bona*, enquanto, aqui, além de encabeçar a epígrafe, está isolada. Afigura-se-nos ser um caso único (não encontrámos paralelos) e, por outro lado, a concisão do texto configura sereno lamento de dor, por morte tão prematura. Mais não era preciso escrever!

RUI MATALOTO
JOSÉ D’ENCARNAÇÃO
BRANDON LEWIS



INSCRIPCIÓN VOTIVA ROMANA
RETALLADA CON SÍMBOLOS CRISTIANOS
PROCEDENTE DE LA
VILLA DE EL PERAL (VALDEPEÑAS, CIUDAD REAL)

Los trabajos arqueológicos desarrollados en el paraje de El Peral, en el término municipal de Valdepeñas, han puesto al descubierto los restos de una *villa*, en la que se han identificado diferentes ámbitos adscritos a la *pars urbana* y *pars frumentaria*. Entre los años 2021 y 2022, se ha excavado un *torcularium* dedicado a la obtención, elaboración y almacenaje de vino, cuya cronología inicial se ha establecido, a la espera de dataciones absolutas que están en curso, en el siglo I d. C. y el momento final de la producción a mediados del siglo V por la presencia de un plato de TSA, forma Hayes 61B, en el interior del *lacus vinarius*.

El lagar ocupa una extensión de 320 m² y tiene planta de trapecio rectangular, con orientación noreste-suroeste. Se construyó adosado por su lado oriental a estructuras de carácter residencial. El acceso se sitúa en el muro meridional con porche adelantado, que dio entrada a la *cella vinaria*, de 180 m², y a la sala anexa destinada al pisado y prensado de la uva. En esta última se ha identificado el *calcatorium* o zona específica de pisado, que presenta un pavimento de *cocciopesto* con inclinación hacia el lado noreste, donde se sitúa un gran depósito o *lacus*, dispuesto a un nivel inferior. Restos de otra pileta se localizan en el extremo norte, que vierte hacia una depresión semiesférica situada en la sala de accionamiento. De la prensa se ha conservado el *lapis pedicinatorum*, donde encajaron las vigas verticales que fijaron por uno de los extremos el *prelum*, y la fosa donde se instaló su contrapeso, en una estancia contigua y a un nivel más bajo que la sala de prensado. En la *cella vinaria* se dispusieron *dolia* para la fase final de fermentación y en un momento posterior se com-

partimentó su extremo oeste con una funcionalidad de almacén.

La inscripción se halló el 12 de octubre de 2021, volcada sobre la pared sur de la fosa del contrapeso. Se conserva en el Museo Provincial de Ciudad Real (nº. de registro arqueológico PERAL-2021-02-S4-35-001). Se describió y fotografió el 25 de febrero de 2023.

El soporte es un bloque tallado en piedra arenisca. Se conserva completo con una rotura en su costado derecho y golpes y rozaduras en los bordes de la cara frontal. La cara frontal está alisada en un trabajo bastante cuidado. Las laterales, también alisadas, presentan huellas de trabajo con un instrumento metálico, que ha dejado marcadas líneas oblicuas, y las caras superior e inferior aparecen desbastadas. La cara posterior no ha recibido ningún tratamiento, presentando evidencias de exfoliación de la piedra provocadas por la extracción del bloque de la cantera. El soporte es un sillar que formó parte de una construcción, aunque su aparición en contexto secundario impide conocer la forma del monumento original.

Sus dimensiones son 90 cm de longitud, 37,5 cm de anchura máxima y 36 cm de profundidad.

La inscripción presenta una única línea, cincelada en el centro de la cara frontal, que ha perdido parcialmente algunas letras por su reutilización posterior. Presenta interpunciones triangulares con el vértice hacia abajo. El tipo de letra es la capital cuadrada con ápices muy marcados y *ductus* de grabado profundo.

La lectura del nombre del dedicante, que aparece en nominativo, plantea algunas dificultades. Es segura la aparición de un nexo inicial en el *nomen*, donde la unión entre las letras A y M son claras a partir de la existencia del travesaño horizontal de la A en el interior de los dos primeros trazos de la M. Una posibilidad es tomar en consideración el punto que se encuentra en el interior del nexo AM. Ello permitiría resolver la primera parte del nombre como *A(ulus) Maicius*. El *praenomen Aulus* es muy frecuente en la antroponimia latina. A pesar de que tuvo cierta difusión en *Hispania*, la mayor parte de los ejemplos se concentra en la Bética¹. El *nomen Maicius* está atestiguado en las listas

¹ JUAN MANUEL ABASCAL PALAZÓN, *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia, 1994, 28.

de magistrados italianos en Delos fechadas hacia el 112 d. C. (CIL I2, 2236), en una inscripción funeraria de *Puteoli* (CIL X, 2689) y en otra de *Altinum* (AE 2005, 558). En *Hispania*, *Maeicius* está documentado en la *provincia Tarraconensis* (Abascal 1994, 178).

Una segunda interpretación es que el nexa inicial corresponda a MAM, pues no son extraños los nexos de tres letras formados a partir de la M, como MAE, MAR, MAT, MAU, MAX y MIT² y MAN³. En las inscripciones del siglo I a. C. es frecuente el uso de nexos, aunque con mayor frecuencia de dos letras⁴. En la epigrafía hispana antigua están atestiguados nexos de tres y hasta cuatro letras, principalmente sobre *instrumenta*⁵, donde un posible nexa MAM se ha documentado en un sello sobre ánfora procedente de Palma del Río en Córdoba⁶. Entonces se podría identificar el *nomen* de este personaje con *Mamaicius/Mamaecius*⁷, un gentilicio latino del que deriva el *cognomen* *Mamaecianus*, atestiguado en una inscripción de *Aquinum*⁸ en Italia, fechada en la primera mitad del siglo I a. C.⁹. Sería la primera

² JOSÉ LUIS MELENA JIMÉNEZ, «Notas de epigrafía romana de Extremadura III. Sobre un nuevo nexa de letras», *Veleia* 14, 1997, 377.

³ EUGENIO RAMÓN LUJÁN, «Notas sobre algunas inscripciones paleohispánicas», *Palaeohispanica* 9, 2009, 702, fig. 1; María del Rosario Hernando Sobrino, *Epigrafía romana de Ávila*, Bordeaux, 2005, 154.

⁴ SILVIO PANCIERA, «La produzione epigrafica di Roma in età repubblicana. Le officine lapidarie, II. Nascita e sviluppo del sistema abbreviativo», en *Colons et colonies dans le monde romain*, Roma, 2012, 359-385.

⁵ La lista de los nexos atestiguados en las inscripciones latinorrepúblicas de Hispania, puede verse en Ignacio Simón Cornago, «La paleografía y datación de la inscripción lusitana de Lamas de Moledo», *Mélanges de la Casa de Velázquez* 49.1, 2019, tabla 1. <https://doi.org/10.4000/mcv.9762> [Consulta: 19-03-2023].

⁶ PIERO BERNI MILLET, *Epigrafía anfórica de la Bética. Nuevas formas de análisis* [Instrumenta 29], Barcelona, 2008, 570, n. 673.

⁷ HEIKKI SOLIN Y OLLI SALOMIES, *Repertorium nominum gentilium et cognomina latinorum*, Hildesheim-New York, 1988, 111.

⁸ CIL I, 3116a: L(*ucius*) Egnatius L(*uci*) f(*ilius*) T[er(etina)] Mamaecianus, *haruspex*, que financió *de sua pecunia porticum et sedilia* para el teatro de la ciudad.

⁹ HEIKKI SOLIN, *Studi storico-epigrafici sul Lazio Antico II*, Commentationes Humanarum Litterarum, 137, Vantaa, 2019, 16.

vez que se documenta este *nomen gentile*, aunque conocemos nombres con raíz *Mama* o *Mamma*¹⁰. En particular, en *Hispania*, el *cognomen Mamaturus* se encuentra en Talavera de la Reina (Abascal 1994, 411) y un *Mamamarius* en una estela del Tolmo de Minateda¹¹, cuyo texto se ha escrito con triple nexo MA.

Es cierto que ambas lecturas tienen su problemática¹². En el primer caso, la interpunción en el nexo AM no es segura pues en la superficie de la cara frontal se aprecian otras marcas idénticas y puede que su presencia sea casual, mientras en el segundo obliga a considerar la existencia de una ligadura de letras inusual y a aceptar la ausencia de *praenomen* en un texto cuyos rasgos paleográficos apuntan a una cronología antigua. Estas consideraciones nos llevan a proponer dos lecturas, que creemos plausibles, y donde en ambos casos, el dedicante debe tratarse de un emigrante itálico o su descendiente:

A(ulus) · MAICIVS · F[i]RMVS · V(otum) · S(olvit) ·
L(ibens) · M(erito)

MÂMAICIVS · F[i]RMVS · V(otum) · S(olvit) · L(ibens)
· M(erito)

Altura de las letras: 6 cm (I = 6,1; C = 5,1).

Na l. 1, nexo AM con interpunción o nexo MAM; inicial, son trazos centrales oblicuos y descendente final de una M; central, es parte de asta vertical y de trazo horizontal inferior de una L; final, es trazo oblicuo inicial y parte del trazo siguiente de una M.

Detrás del *nomen gentile* aparece el *cognomen* del dedicante, que comienza con una F, a la que sigue R, tras la cual se

¹⁰ HEIKKI SOLIN Y OLLI SALOMIES, *op. cit.* n. 10, 1988, 111, 356-357.

¹¹ CIL II2, 13, 1236; Lorenzo Abad Casal, «La epigrafía del Tolmo de Minateda (Hellín, Albacete) y un nuevo municipio romano del Conventus Carthaginensis», *Archivo Español de Arqueología* 69, 1996, 86-89, n. 5, figs. 18 y 19.

¹² Queremos agradecer a Juan Manuel Abascal, que propone *Mamaicius*, y a José d'Encarnação, que plantea *Aulus Maicius*, las sugerencias de lectura del nombre del dedicante de esta inscripción.

observan los dos trazos oblicuos centrales, y trazo final de una M, como la que aparece al inicio del texto, y termina en VS. Proponemos la lectura *Firmus* pues es necesaria una vocal entre las letras FRM. La solución se ajusta bien si consideramos la existencia de un nexa IR, cuyo tramo vertical de la I por encima de la R ha desaparecido por el reemplazo del texto epigráfico. Este *cognomen* latino¹³ está bien atestiguado en la península ibérica (Abascal 1994, 364-365), siendo más frecuente en Italia¹⁴.

El texto cierra con la fórmula abreviada *votum solvit libens merito*, que alude a una petición a la divinidad que, una vez cumplida, es seguida por el cumplimiento del voto.

La estructura del texto y características paleográficas – V abierta, C redonda, R de trazo diagonal recto e I longa – aconsejan una datación temprana, que no debe ir más allá de la primera mitad del siglo I d. C.

El bloque epigráfico fue reemplazado en el interior de la sala de accionamiento del *torcularium*. El lugar de hallazgo, caído boca arriba sobre una de las paredes de la fosa de colocación del contrapeso y cubierto por el nivel de derrumbe de la techumbre, sugiere que la pieza se colocó para permanecer hincada en el suelo, muy cerca de esta fosa. Fue entonces cuando se talló una cruz griega en la parte izquierda de la cara frontal del original soporte, que quedó en la parte superior en su nueva posición. Mide 27,5 cm de altura y 28 cm de anchura. El diseño de la cruz presenta brazos divergentes con remates rectos, arriba y abajo, y abiertos en los laterales. Debajo de la cruz parece representarse una mesa de altar, formada por un tablero, de 28 cm de longitud, y dos tenantes, que miden 12,4 cm de altura, pues no corresponde a ningún monograma. Ambos símbolos cristianos se tallaron toscamente con un elemento punzante, que ha dejado pequeñas huellas circulares. El tipo de altar sobre varios pies remite a los modelos paleocristianos¹⁵,

¹³ IRO KAJANTO, *The Latin cognomina*, Roma, 1982, 258.

¹⁴ ANDRÁS MÓCSY, *Nomenclator provinciarum Europae Latinarum et Galliae Cisalpinae*, Dissertationes Pannonicae III/1, Budapest, 1983, 127.

¹⁵ PEDRO DE PALOL, «Altas hispánicos del s. V al VIII. Observaciones cronológicas», *Beiträge zur Kunstgeschichte und archäologie des frömmittelalters*. Akten zum VII Internationalen Kongreß für Frömmittelalterforschung 1958, 1962.

que será sustituido a partir del siglo VII por mesas sobre un solo pie prismático o tenante¹⁶. Para J. Vives¹⁷, la cruz griega + o la latina no aparece documentada en las inscripciones de la Península Ibérica hasta el 580, lo que otorga una fecha *post quem* para la reutilización de la pieza.

La función del soporte con inscripción romana en la reutilización es incierta por el momento. Es seguro, en cambio, que no se produjo el borrado del texto en el nuevo uso, hecho frecuente en el reempleo de altares romanos en aras cristianas de época tardoantigua (Sastre de Diego 2013, 72-76). La reutilización del soporte epigráfico de El Peral expresa una cristianización del espacio, reflejo de los cambios religiosos de la población rural en esta zona del interior de Hispania.

ROSARIO CEBRIÁN FERNÁNDEZ

DOMINGO FERNÁNDEZ MAROTO

TOMÁS TORRES GONZÁLEZ

JULIÁN VÉLEZ RIVAS

¹⁶ ISAAC SASTRE DE DIEGO, *Los altares de las iglesias hispanas tardoantiguas y altomedievales. Estudio arqueológico*, BAR International Series 2503, Oxford, 2013, 42.

¹⁷ ANTONIO VIVES, *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*, Barcelona, 1942, 9.



1



2



3



4



5

847

ARA DA TORRE DA CARDEIRA, BALEIZÃO, BEJA
(*Conventus Pacensis*)

No decorrer do mês de Fevereiro de 2023, a Sra. Alexandra Leandro¹ contactou os técnicos da Câmara Municipal de Beja no sentido de entregar algumas peças de interesse arqueológico que o seu falecido pai tinha recolhido por vários montes onde trabalhara, sobretudo no monte da Torre da Cardeira, local onde foi identificada uma das mais importantes *uillae* romanas da *civitas Pacensis*, ocupada até um período muito tardio, como o atestam os vestígios de culto cristão no decorrer da Antiguidade Tardia e da Alta Idade Média².

Entre o espólio entregue ao município de Beja encontra-se uma ara de mármore de veios cinzentos de São Brissos/Trigaches, anepígrafa (não sendo de descartar que tenha tido uma inscrição pintada).

Dimensões: 68 x 31 x 19.

Pela sua tipologia, incluindo as medidas apresentadas, aproxima-se formalmente de uma ara anepígrafa identificada não muito longe deste local, no Monte da Atouguia³.

¹ A quem gostaríamos de agradecer a atitude que teve. Aproveitamos ainda para agradecer a Rui Aldegalega, Tânia Matias e Teresa Aroche, colegas da Câmara Municipal de Beja que integraram a equipa que procedeu à recolha do espólio arqueológico que se encontrava depositado no “Monte” da Horta do Cano, em Beja, e que rapidamente disponibilizaram a ara para estudo e divulgação.

² TORRES, Cláudio (coord.), *Núcleo Visigótico do Museu Regional de Beja, Beja*, Museu Regional de Beja, 1993.

³ FEIO, Jorge, “Ara romana do Monte da Atouguia, Baleizão, Beja”, *Ficheiro Epigráfico* 216, 2021, inscrição n.º 773.

A ara sofreu algumas transformações numa fase um pouco mais tardia. O fóculo das libações e os toros laterais foram partidos; contudo, a forma tronco-piramidal, muito certinha, levanta algumas suspeitas, porque, aparentemente, o topo parece ter sido transformado num “macho” para encaixe numa “fêmea” existente numa mesa de altar. A saliência existente na base, que outrora servira para encaixe no compartimento das cinzas, poderá ter passado a servir de encaixe na lypsanoteca onde eram guardadas as relíquias dos santos, a qual ficava normalmente sob o altar principal.

Estas características têm correspondência noutra peça entregue ao município, encontrada no mesmo local. Na realidade, trata-se de dois fragmentos do mesmo fuste, com colagem; observam-se, na base do mesmo, dois encaixes de *transennae* executados *a posteriori*, o que permite pressupor possível reutilização (em edifício religioso cristão?).

Por isso se nos afigura estarmos perante uma ara romana que, muito possivelmente, foi transformada em suporte de altar de um edifício cristão no decorrer da Antiguidade Tardia.

JORGE FEIO ⁴



1

⁴ Câmara Municipal de Beja.



2



3

848